

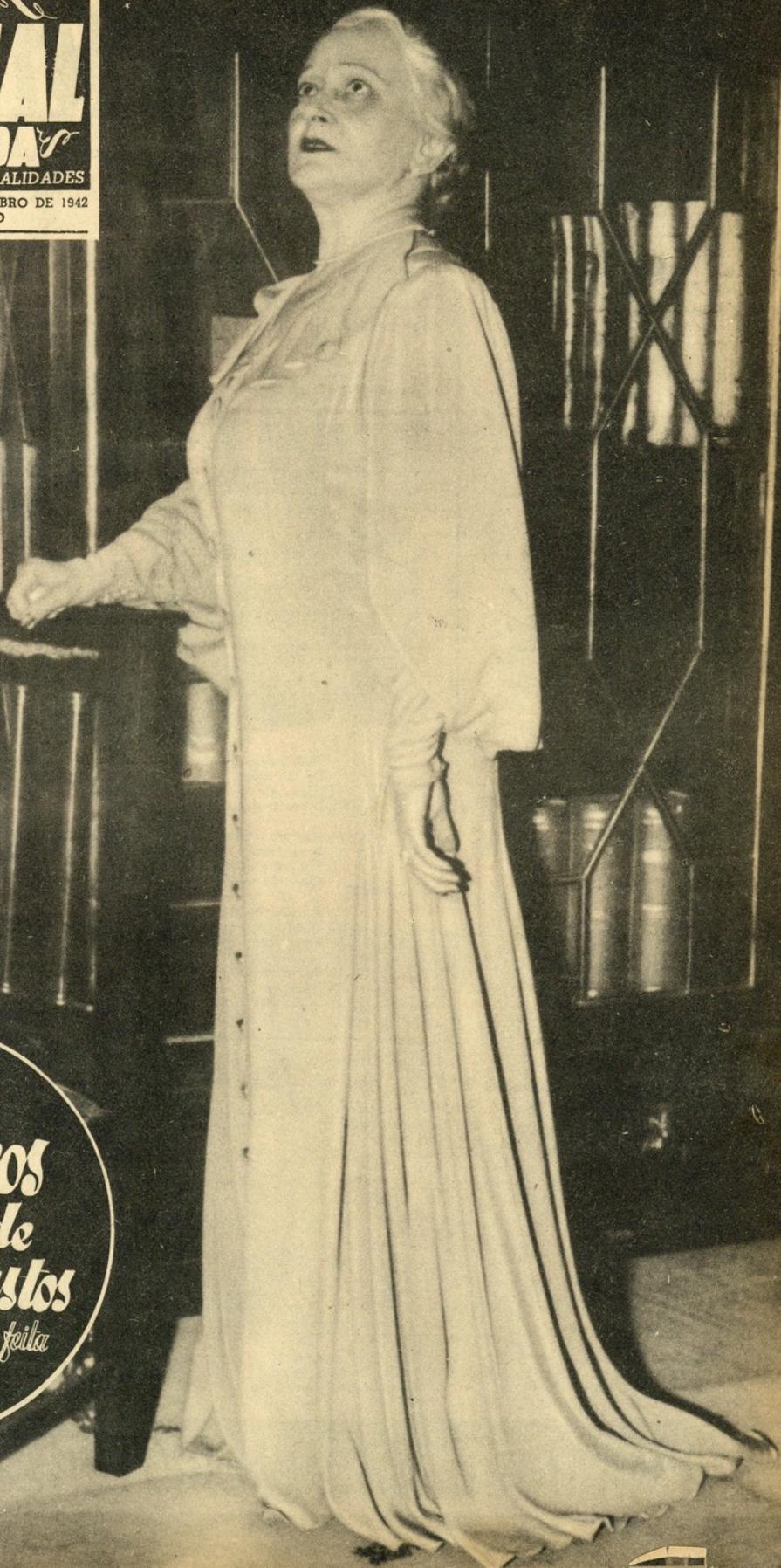
VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES
ANO II — N.º 74 — LISBOA, 15 DE OUTUBRO DE 1942
PREÇO AVULSO: 1 ESCUDO



os 50 anos
de teatro de
Palmira Bastos

*Foto expressamente feita
para a "Vida Mundial
Ilustrada."*



CALCADA DA GLÓRIA

SINFONIA DE ABERTURA

AQUELES que desdenham do protocolo na existência cometem um erro grave. O protocolo é a diplomacia da vida. Para tudo é necessário uma regra protocolar. O simples gesto de enfiar umas cuecas tem de revestir-se dum cerimonial que poderá ser mais ou menos complexo — mas que terá de existir sempre. Muitas coisas nos acontecem ou deixam de nos acontecer apenas porque nos esquecemos do essencial e considerável protocolo. Os contínuos triunfos prestigiosos de Talleyrand devem filiar-se na sua longa ciência protocolar. Tudo nele era medido, calculado e oportuno. Há pequenos episódios que valem, às vezes, tratados de filosofia. Exactamente uma pequena história de Talleyrand lhes dará uma imagem da arte do protocolo.

Um dia, o grande diplomata ofereceu em sua casa um almôço a que assistiram um príncipe, um duque, um marquês, um visconde, um barão, um fidalgo sem título, e o seu secretário. Servia-se a sobremesa. Segundo o costume tradicional, ao tempo, o dono da casa partia o queijo. De faca em punho Talleyrand começou por dirigir-se, hierarquicamente, ao príncipe:

— Poderei ter a honra de servir Vossa Alteza dumha fatia de queijo? Depois ao duque:

— Dê-me V. Ex.ª licença que o sirva dumha fatia de queijo.

Em seguida ao marquês:

— Marquês, posso servir-lhe uma fatia de queijo?

Agora ao visconde:

— Visconde, queira aceitar uma fatia de queijo.

Logo ao barão:

— O barão quer uma fatia de queijo?

Quasi logo ao fidalgo que não tinha título:

— Uma fatia de queijo?

Por fim, reparando no seu secretário fez o gesto expressivo de quem corta uma fatia de queijo.

«O sentimento das proporções e das distâncias é — dizia Talleyrand — uma das grandes regras do protocolo da vida». E é.

PALMIRA BASTOS

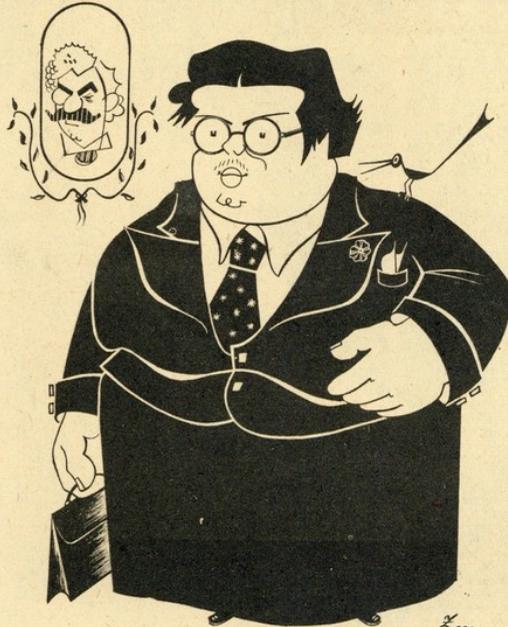
FESTEJARAM-SE as «bodas de oiro teatrais» da ilustre artista Palmira Bastos. Desde o primeiro dia que se nos afigurou inoportuna esta festa. Na verdade, como podem festejar-se os 50 anos de teatro dumha pessoa que não tem de idade — senão 25?

FORMAS DE POESIA

CONTA-SE que o dr. Joaquim Manso, quando regia a sua cadeira de literatura no Conservatório, perguntou a certa aluna quantas espécies havia de poesia.

— Poesia lírica, poesia dramática e poesia, poesia...

ROMEU E JULIETA... FERRÃO



Num sonho todo feito de riqueza,
De tão alegre e doce claridade,
É que eu vi, em minha ansiedade,
O teu perfil de raça, de marquezina...

Não era o vulgar brilho da beleza,
Nem o ardor banal da mocidade,
Era outra coisa, outra suavidade,
Como eu nunca vi na natureza!

Ao olhar-te, no meu anseio louco,
Quis comparar-te ao céu, mas era pouco
Para definir um tamanho regalo...

Detive-me então na pura Arte
E acabei, flor, por comparar-te
A uma risonha figura de Bordalo!

ROMEO

Joaquim Manso, em voz baixa,
querendo avivar-lhe a memória:

— Poesia épi...
Imediatamente a aluna:
— Poesia epidémica!

ALMEIDA AMARAL

ALMEIDA Amaral, autor festejado e velho amigo de quem escreve estas linhas, escrevia-me, há tempos, lamentando não recordar uma única anedota da sua vida. Trata-se, sem dúvida, dum considerável caso de modéstia. Pois vamos contar-lhe uma. Um dia entrevistámos Almeida Amaral. Sabendo-o solteiro de nascença, perguntámos-lhe.

— Porque não casa você?
Logo éle, franzindo o nariz:
— Não gosto de jogos de azar!

FRANÇA AMADO

MMORREU, há dias, em Coimbra, o conhecido livreiro-editor Francisco França Amado. Dentro dum aspecto rude e dum casação vulgar existia uma excelente pessoa a quem o longo convívio de livros e de escritores dera uma fisionomia especial. Ligaram-me a êle excelentes relações pessoais, e não deixa de ter a sua curiosidade um episódio que se passou entre nós ambos. Certa ocasião, França Amado mostrou um afectuoso interesse em me editar um livro. Levei-lhe dois capítulos dos *Blagues do dr. Bonifrates*, livro de *boutades* e paradoxos com certo ar literariamente revolucionário. Tempo depois, o velho França, com o manuscrito na mão e a luneta na ponta do nariz,

confidenciava-me, à boa paz, do alto do seu pequeno trono, a um canto da livraria:

— Aquilo é engraçado, é. Mas tenho medo, menino, que me desacredite a casa...

A BICICLETA

HÁ pouco uma rapariga de Lisboa permitiu-se o luxo moderno de montar uma bicicleta e andar nela a passear — pelas ruas de Bragança. Ia sendo o fim do mundo na antiga e tradicional cidade transmontana. Felizes povos! Que diriam êles se vissem certas senhoras que nós conhecemos, de moto, trazendo pelo braço — o respectivo *side-car*!

OS OVOS COMO MOEDA

TALVEZ não saibam que em algumas povoações suíças os ovos correm como a moeda local. Os ovos chocos — são a moeda falsa...

INDICAÇÕES

EM Vila Franca de Xira havia, há muitos anos, um atalho em cujo começo uma solícita edilidade — dizem — mandou colocar uma taboleta com estas palavras: «Este caminho vai dar à Iareia; quem não souber ler — meta pela estrada real».

SENHORA FILOSOFIA

O meu amigo Carmo e Cunha, chefe de repartição ilustradíssimo, dizia-me uma vez, a uma esquina do Chiado:

— Repare que a virtude remoça os velhos e o vício envelhece os novos.

Concordei. Mas o contrário também há quem diga. E então fica assim:

— A virtude envelhece os novos e o vício remoça os velhos.

DOIDOS COM JUÍZO

EM Rilhafoles. Um dos médicos assistentes, apontando um internado a um dos visitantes:

— Aquele doente que ali está tem a mania da perseguição. Imagina que os merceeiros lhe querem tirar todo o dinheiro que êle tem...

Logo o visitante:

— Não supunha que aqui estivessem doentes tão lúcidos!

IMPOSSIVEIS

O pintor Alvaro Duarte de Almeida afirmava-nos, certa vez, à janela do seu refúgio, ao perguntarmos-lhe porque não fazia uma exposição:

— Sou muito ambicioso. Queria a certeza antecipada de que teria um bom sucesso...

Um bom sucesso propriamente dito, dado o estado actual da Natureza, não me parece fácil. Um grande êxito, sim!

os 50 anos de teatro de Palmira Bastos

PALMIRA Bastos é um nome do teatro português — nome que ficará na história, como o de Emilia das Neves, de Rosa D'Amasceno, de Virginia e de Angela Pinto.

Festejaram-se na semana passada os cinquenta anos de teatro de Palmira Bastos.

Cinquenta anos de teatro!
Como depressa se escrevem estas quatro palavras e, entretanto, que longa estrada por esse caminho fora, afastando espinhos, torturando a alma, sofrendo quantas vezes — e sabe Deus com que linda máscara de sorriso! — desde o dia da estreia — julgamos que na ópera «O Reino das Mulheres» — quando as actrizes começavam pelo princípio, sofrendo as invejas das colegas, amontoadas no mesmo camarim, ouvindo frases de despeito, olhando com a inveja a corista que se destaca, a rabulista que aposta, a actrizinha que balbucia, a cantora que treme, até que um dia a figurinha gentil toma corpo e se destaca para nunca mais cair.

Nestas poucas linhas está feita a biografia de Palmira Bastos. Por tudo isso passou.

Todo o teatro abordou na sua mocidade. São de D. João da Câmara as seguintes palavras publicadas no «Ocidente»:

«Palmira Bastos que tanto provou o seu valor como fngênua dramática durante este inverno, volta aos seus antigos papeis. Inegavelmente é ela uma das nossas primeiras estréas do género. Ainda há pouco cantou o príncipe da «Gata Borralheira», como poucas o poderão fazer. Mas... afinal bom é que assim seja. Quando está na ópera cômica, faz falta no drama; quando está no drama, faz falta na ópera cômica. Talento e gentileza é que ninguém lhe contesta.»

Apesar de haver quem assim escrevesse — e foi alguém o dramaturgo D. João da Câmara — havia quem não acreditasse no talento de Palmira Bastos. Mas a criadora da «Boneca» foi deixando para trás, no montão anónimo, essa gente que não acreditava no seu talento e na sua força de vontade, no conhecimento que foi adquirindo, ouvindo os bons mestres, os grandes — com G grande — tão grandes nessas épocas, como ela o é hoje: a notável ensaiadora, encaminhando vontades e aproveitando aptidões.

Nesse campo muito lhe deve — e lhe ficará devendo — o teatro português de hoje: modernizou, criou, deu-lhe o sópro do seu génio. É uma mestra sem ter cátedra, a não ser a de ensaiadora, que, junto do «ponto» vai ensinando entoações, corrigindo gestos, fazendo compreender, ensaiando, enfim.

Toda uma geração conhece o seu papel de actriz. Abraçou todos os géneros, a todos quis, porque sempre presidiu ao seu trabalho a sua honradez profissional. É escusado citar — vasta galeria — quais as suas melhores criações: sendo todas diferentes, têm todas o mesmo timbre de sinceridade e de uma autoridade que não se discute.

Na noite das suas «bodas de ouro», rodeada de colegas, de dramaturgos, de pessoas amigas, tendo na frente os seus inúmeros admiradores, que é a massa anónima do público, Palmira Bastos, com aquela bela voz que lhe conhecemos, poucas mais palavras encontrou para agradecer, do que um «muito obrigadas».



PALMIRA BASTOS, COM UMA DAS SUAS NETAS, POSA PARA A «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

ASPECTO DO PALCO DÓ TRINDADE DURANTE O ACTO DE CONSAGRAÇÃO DE PALMIRA BASTOS





HISTÓRIA DO PAVILHÃO NORTE AMERICANO

UMA nova tradição acaba de nascer nos Estados Unidos. Depois de cada comédia ou opereta, circo ou cinema, o espectador, que se divertiu em paz tem de voltar os olhos para a imagem da pátria num acto de contracção cívica. Esse simples facto mostra o estado de espírito do povo norte-americano, a sua vibração íntima, e a maneira pela qual a sensibilidade nacional se desdobra e aguçá num movimento de auto-defesa digno de nota. Para os habitantes da Europa, que sonham a América das avenidas gigantescas, onde milhões de «klaxons» humilham as nossas tristes businas, onde a pressa dos seus habitantes contrasta com a serenidade dos nossos cidadãos para quem a vida ainda é a esquina com o «café» e a conversa sobre o último acontecimento, o facto tem grande significado. É que nesse país, onde a lei conhece apenas actos e não pes-

soas ou classes, onde não surgem obstáculos impostos nem horizontes cerrados às honestas aspirações de cada um, o sentimento de patriotismo atingiu o rubro. Exalta-se, agora, e vale como uma manifestação do instinto de defesa, o zelo da soberania nacional. A Suprema Corte decidiu há pouco, em Washington, que não se atraíça a Constituição ao exigir-se a saudação à bandeira, no julgamento duma causa instaurada por excêntrica seita religiosa do Oeste, cujos membros não querem que os filhos, nas escolas, aprendam a saudar o pavilhão nacional com a mão direita sobre o coração e descobertos — como é de uso entre os norte-americanos. Resolvido que tal exigência é legal, o «flag salute» passou a ser adoptado nas minas e nas fábricas, onde todas as manhãs, em frente do pessoal, é hasteada a bandeira que todos saudam com respeito. E nos espectáculos ouve-se, actualmente, no final, o hino nacional norte-americano, «The Star Spangled Banner», que o patriota Francis Scott Key, prisioneiro dos ingleses durante a guerra



da independência, escreveu em Baltimore, a bordo de um navio, há cento e tantos anos, sem avaliar que a sua heróica canção teria tão belo destino...

~

Saindo do cenário que nos é familiar, imaginamos a industrialização fantástica da vida norte-americana com as fábricas de onde até as criaturas saem iguais, nessa pavorosa estandardização que é uma das suas glórias. E nada sabemos da existência do sentimento afectivo e patriótico desse povo. Da vida norte-americana, conhece-se pouco. Da sua aristocracia, apenas ouvimos falar dos soberanos do algodão ou dos «reis» do sumo de laranja. Para nós, a América trás-nos a lembrança de Nova York dos arranha-céus gigantes e dos seus «Babitts». Não admitimos norte-americanos pá-

lidos, de olhos sonhadores, enarmados da lua ou impregnados de sentimento patriótico, capazes de jogar a vida pela sua terra: O facto de haver nos Estados Unidos quem as saiba rimar é coisa posta em dúvida por muita gente depois que morreram o soturno Poé e o tristonho Withman. O mesmo sucede com os episódios históricos. «Os Estados Unidos não têm episódios históricos consoladores! — dizem muitos, esquecendo-se que até o próprio pavilhão nacional tem uma tradição que é uma página de palpitante beleza.

~

«A bandeira dos Estados Unidos terá treze listras, alternadamente vermelhas e brancas. A União será simbolizada por treze estrelas, representando uma nova constelação, brancas sobre campo azul». Assim, em linguagem legal, aceitaram ofi-

cialmente os fundadores da nação o desenho da «Star Spangled Banner» como o emblema nacional dos Estados Unidos. Esse desenho devia ser, levemente, alterado nos anos futuros, com acréscimo de uma nova estrela para assinalar a entrada de um novo estado na União, até se chegar a quarenta e oito. O desenho básico, porém, permaneceu o mesmo.

Onde se tinha encontrado essa bandeira? De que imaginação haviam brotado aqueles símbolos — o branco representando a pureza, o vermelho a coragem e o azul a justiça?

As crianças das escolas aprendem a história de uma senhora chamada Betsy Ross, daquele tempo que costurou com dedos fervorosos o emblema original das treze listas vermelhas e brancas com um campo azul com treze estrelas brancas para simbolizar as treze colônias primitivas, então unidas na guerra pela independência. A senhora Elizabeth Griscom Ross, segundo reza a tradição, era uma hábil costureira que morava na rua do Arco, em Filadélfia, perto dos edifícios de tijolo vermelho onde se reunia o Congresso Continental. Entre outros trabalhos de delicada costura, diz-se que ela bordou as rendas da camisa do general George Washington, comandante-chefe do Exército continental. Seja ou não seja verdade, o facto certo é que sempre que alguém em Filadélfia queria uma peça de costura feita com esmerada perfeição, recorria a Betsy Ross.

Numa tarde de verão, em 1776, três homens entraram na sua modesta residência. Um, o coronel Ross, era tio dela por parte do marido. O segundo era Robert Morris, rico comerciante que devia, mais tarde, emprestar ao Congresso Continental os fundos com que se salvou a revolução de um colapso. O terceiro era o general George Washington. «Minha senhora», disse desde logo

o último, «regressámos do Congresso. Trouxemos um tócco esbôço de bandeira que desejaríamos fosse feita por si».

«Não sei se posso» — respondeu modestamente a costureira. «Em todo o caso, vou tentar. Deixem-me ver o desenho». A senhora Ross e os três homens chegaram as cadeiras a uma mesa e o general Washington tirou do bolso um esbôço grosseiramente desenhado. «A bandeira — disse ele — precisa ter treze listas alternadamente vermelhas e brancas. O canto esquerdo superior deve ser um campo azul em que se espalharão irregularmente treze estrelas. Do céu tomamos as estrelas, acrescentou o general Washington, «da nossa mãe-pátria Inglaterra, tomamos o vermelho, separando-o por listas brancas para mostrar que nos separámos dela, e essas listas brancas irão pelo futuro fora representando a liberdade».

A senhora Ross impressionou-se com a poética interpretação dos símbolos, mas não com a maestria do desenho. «A bandeira» — disse ela imediatamente — «tem de ser mais comprida do que está indicado neste projecto». A aparência de uma bandeira é muito melhor se o comprimento é um terço maior do que a largura. E as estrelas ficariam muito mais bonitas se fossem dispostas com simetria, como por exemplo, em círculo. Ficariam também muito mais bonitas se tivessem cinco pontas em vez de seis». Todas as sugestões de Betsy Ross foram aprovadas e, naquela mesma tarde, a costureira conseguiu dum agente marítimo de Filadélfia uma bandeira de navio, para ver como as costuras eram realmente feitas. Poucos dias depois, entrou alvoroçada num barco que estava ancorado no rio Delaware e pediu que a bandeira, que havia terminado momentos antes, fosse hasteada num dos mastros para que se pudesse avaliar o seu efeito tremulando ao



vento. Tão satisfeitas ficaram as pessoas que tinham acompanhado a senhora Ross à margem do rio, que no mesmo dia a bandeira foi levada para o Congresso, o qual aprovou o modelo, mas não oficialmente. A resolução parlamentar, tornando efectiva a sua adopção devia ser tomada, somente, um ano mais tarde. Recomendaram, então, à senhora Ross que comprasse tecido para uma maior quantidade de modelos ao mesmo tempo que lhe era dada uma concessão pelo Governo pelo prazo de cinquenta anos para fabricar tais bandeiras.

Antes da adopção efectiva do modelo de Betsy Ross havia quasi tantas bandeiras quantas eram as organizações militares nas colônias. Havia, por exemplo, a «bandeira do pinheiro», de Massachusetts; a «bandeira da cascavel», de Virgínia; a bandeira listada de amarelo e prata da cavalaria ligeira de Filadélfia, além de muitas outras com insignias de expressão puramente local. Ao assumir, em Cambridge, o comando do Exército continental, em Janeiro de 1776, o general George Washington tinha desfraldado uma bandeira formada por treze listas alternadas vermelhas e brancas, com as cruzes de S. Jorge e Santo André em campo azul, no canto superior esquerdo. Denominada sucessivamente «Bandeira da União», «Bandeira da Grande União» e «Bandeira Continental» — esse pavilhão foi conduzido por Washington até que o substituiu pelo emblema de Betsy Ross.

Dois estrelas foram acrescentadas

ao campo azul da bandeira, mudando a disposição em círculo para três ordens paralelas de cinco estrelas cada uma, quando os Estados de Vermont e Kentucky entraram para a União. De então para cá, a cada novo Estado admitido correspondeu mais uma estrela introduzida na bandeira a qual sofreu alterações até ficar no modelo que hoje é conhecido — essa bandeira das listas e estrelas que ficou vinculada a todos os acontecimentos culminantes da história dos Estados Unidos, — na paz como na guerra.

AUGUSTO FRAGA



con la "Vida Cordial Ilustrada"
Ave mon meilleur souvenir
Patricia Parrilleux



Danielle

Darrieux conta-nos...



A jornalista Manuela de Azevedo conversa com Danièle Darrieux

ENTÃO, até amanhã ao meio dia... Danielle estendeu-me a mão esguia de unhas longas, pintadas de muito rubro, com os dedos adornados de um só anel: uma aliança de casamento, rosário fino de gotas também rubras — de rubis.

Tinha acabado de receber os jornalistas dos diários da capital. Mas não seria justo que guardasse alguma coisa de diferente para nós, os cá de casa?...

A propósito de entrevistas e de entrevistadores, Danielle, que não conhece o português e que estuda espanhol nas horas vagas, com o marido, havia de me dizer há bocado, com certa graça, que os olhos dos jornalistas são de tal forma profundos, que lhe dissecam a cor dos cabelos castanhos, até lhes fazerem louros; mudam-lhe

as cores dos fatos e dos olhos, fazem dela uma figura diferente...

E, enquanto diz isto, sacode a cabeleira sedosa que acabou de sair das mãos do «coiffeur»...

Danielle Darrieux está na minha frente, esbelta, de cinta muito delgada, metida na saia escocesa e na blusa azul, com botões de metal amarelo. Olho-a de frente, de lado, contorno a sua figura psicológica, à espreita de melhor entrada para uma melhor saída. Como bicho dócil, habituado às lides jornalísticas, a senhora Rubirosa parece não ligar importância à minha observação — talvez na falsa certeza de que poderá redizer o que já disse monocórdicamente aos jornalistas da véspera...

Caso estranho: como na véspera também, Danielle Darrieux, mal chega à presença dos jornalistas, faz-se servir de um «cocktail» — para ela e para o marido. Mas o seu sorriso, afeito ao protocolo, gentil por hábito publicitário, não

se abre hoje, como não se abriu ontem, num: «são servidos»?

De facto, a presença dos jornalistas só intervém nas perguntas e respostas: o resto — no «cocktail» e nas manifestações de ternura — é como se o mundo se resumisse nêles...

— Quando começou a trabalhar?

— Aos 14 anos. Frequentava ainda a escola, quando Decoin me convidou a trabalhar em «Le bal»... Deixei a escola e dediquei-me inteiramente ao cinema...

— Só? E o amor?

— Isso é uma página que se voltou e que está lida e relida...

Discretamente, Danielle quer assim dizer-nos que não está disposta a falar da sua primeira lua de mel, com o realizador Decoin — com quem, de resto, mantém contacto artístico, pois ele continua a ser o realizador dos seus filmes... E, menos discreta nas atitudes do que nos motivos de conversa, passeia pelo «bar», onde nos encontramos, a sua lua nova de mel, oferecendo os lábios ao sr. Rubirosa...

— Qual é o seu parceiro preferido?

Danielle assusta-se e interrompe o beijo, enquanto eu termino:

— Na tela...

— Ah! sim... Charles Boyer! Sem dúvida Charles Boyer... Gostei muito de trabalhar com êle em «Meyerling»...

— E seu marido, o sr. Rubirosa, onde o conheceu?

— Ainda em Paris. Num «cocktail», em casa de amigos comuns.

Sobre o regaço de Danielle Darrieux repousa um ramo de cravos vermelhos... Aponto-lhos e pergunto:

— Gosta?

— Sim. Venho agora do cabeleireiro que mos ofereceu... Mas as flores que prefiro são as rosas...

Depois, olha de novo o marido e oferece-lhe — desta vez — o cálice com álcool que êle bebe, enquanto ela se emenda:

— Não, não, em homenagem ao gosto de meu marido, que me ofereceu no dia do casamento um ramo de orquídeas, são estas as flores que hoje prefiro!

— Em onze anos de trabalho para o cinema, deve ter a sua história engraçada para contar...

— A vida de uma artista é igual à vida de todas as outras mulheres. Os agentes de publicidade e vocês, os jornalistas, é que as inconsubstanciam...

— Quere dizer...

— Que a minha vida, como a de quasi todos os outros artistas, é repartida entre o estúdio e as

horas de leitura, do «ménage», dos «magazines», dos bailes...

— Gosta de dançar?

— Adoro. Gosto da rumba...

— E gosta de fazer compras?

— Como todas as mulheres... A propósito, quero dizer-lhe que me encantam as sapateiras de Lisboa. Parabéns aos artistas sapateiros...

Espreito os pés de Danielle, mas os sapatos brancos não me dizem nada...

— Quando regressar a Vichy, irá para a sua casinha?...

— Ainda não, com certeza. Isso vai ser mesmo um grande problema. Teremos de ficar num hotel, porque em Vichy não há casas, tudo está «au complet», como um ovo... Como sabe, a cidade é muito pequena e, com a transferência do Governo de Pétain para a velha estância de águas, tudo sofreu sensível desordem e reboliço...

— Gosta de ler?

— Gosto, é um dos meus passatempos favoritos... Livros de amor...

— Mas, quando trabalha tem tempo para ler? Não precisa de estudar os papéis?

Danielle Darrieux sorri sem convencionalismos:

— Isso sim! Nunca pego nos papéis, para estudar. De resto, os artistas de teatro têm de se preocupar mais do que nós com essas coisas... Diante da objectiva, a arte é toda espontânea e instintiva...

— Visto que não irá trabalhar tão depressa, vai ter muito tempo livre...

— Em Vichy há onde gastar o tempo. E quando o não houver, gastá-lo-ei a passar as meias de meu marido.

Novo pretexto para nova interrupção na entrevista. Danielle Darrieux e o sr. Porfirio Rubirosa, seu marido, feito notável de um dia para a noite por obra e graça de um belo casamento — voltam a isolar-se do mundo que os rodeia e beijam-se longamente. Em volta, o mundo — êles e elas, quasi todos estrangeiros — apertam o cerco dos olhares, num gesto de espantados... As mulheres, principalmente, devoram-lhe o vestido, as meias, as pulseiras, as pérolas, a «cigarette», o «cocktail»... Quanto aos homens — já não encontram nada: êlas bisbilhotaram tudo.

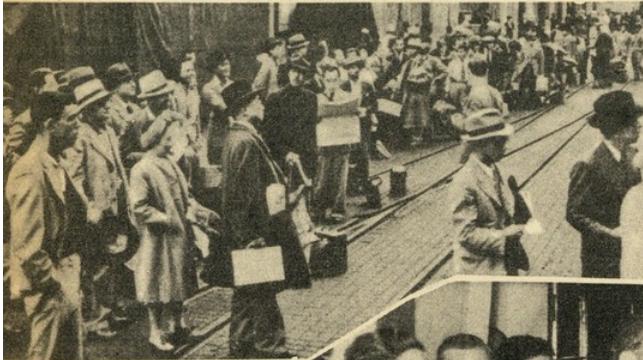
Acho que aquela cena final é digna de uma fita e, discretamente, quasi sem interromper, deslizo pela porta e deixo o «bar», onde paira um ar muito pesado.

Lá dentro, na verdade, havia muito calor...

Uma atitude de Danièle perante a objectiva de «Vida Mundial Ilustrada»



Entre nós



Aspecto do cair Gajão, de Lourenço Marques — a capital de Moçambique — durante o embarque, no «Tatuta Maru», dos diplomatas e consules japoneses, que representavam o seu país em várias cidades inglesas e que foram trocados por diplomatas e consules dos países aliados, entre os quais se encontrava sir Robert Craigie, embaixador da Grã-Bretanha no Japão.



O sr. coronel Lobo da Costa, governador civil de Lisboa, inaugurou, na Casa do Alentejo, uma escola primária, primeira obra de instrução e de assistência social prestada aos filhos dos sócios, ricos ou pobres, que residem em Lisboa. Para o ano, pensa a direcção daquele grémio regionalista, criar um curso comercial.

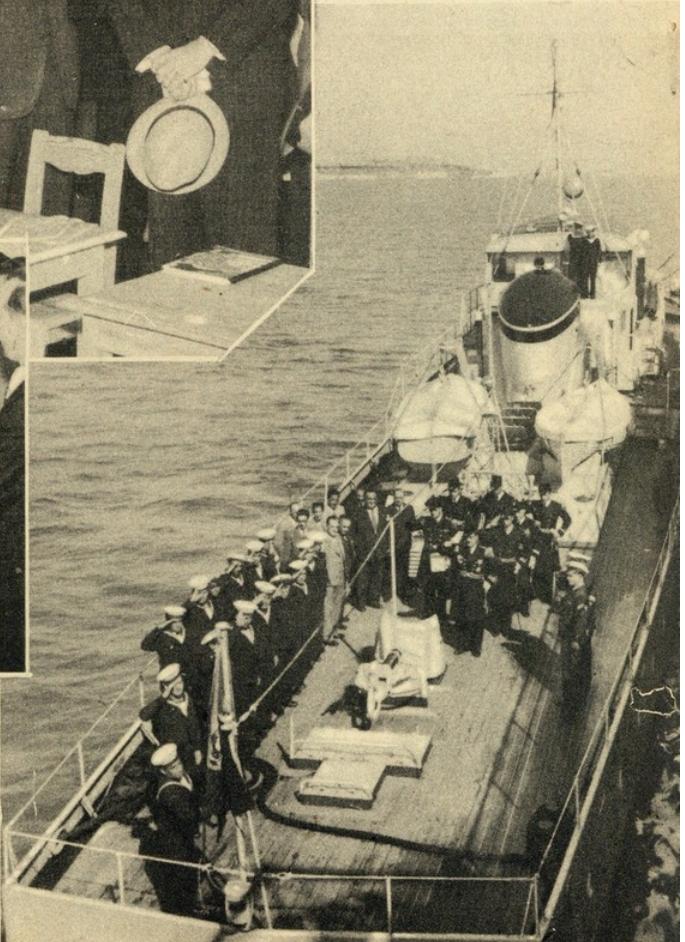


Posse dos novos directores da Caixa Sindical de Providência dos Profissionais da Indústria Hoteleira do Distrito de Lisboa.

A vedeta «Arevia», primeira de uma nova flotilha, encomendada ao Arsenal do Alfeite, foi entregue solenemente à Marinha de Guerra.



Os srs. Dr. Mário de Figueiredo e Dr. Lopes d'Almeida, respectivamente ministro e subsecretário de Estado da Educação Nacional, inauguraram a semana passada, na Sociedade Nacional de Belas Artes, a Exposição da VI Missão Estética de Férias, de que foi director o architecto Korridi.





Antes da partida do navio-escola «Sagres», para a viagem de instrução dos cadetes da armada, o sr. ministro da Marinha leu a «Palavra de Ordem» dirigida aos que vão iniciar a carreira de marinheiro.

Os governadores civis do continente reuniram-se com o sr. ministro do Interior afim de serem esclarecidos acerca do acto eleitoral que vai realizar-se no dia 1 de Novembro.

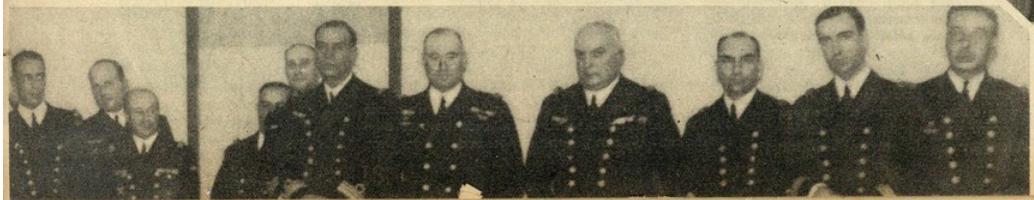


Entre nós



No Liceu de D. Filipa de Lencastre houve, no passado dia 7, uma sessão solene para comêço dos trabalhos escolares. Presidiu o professor catedrático, sr. Dr. Ramos da Costa e leu a «Oração de sapiência» a sra. Dr.ª Maria Emília de Sousa e Castro.

Afim de concertar na maneira de funcionarem as «Caixas» do «Abôno de Família», reuniram-se, sob a presidência do sr. Dr. Trigo de Negreiros, Subsecretário de Estado das Corporações, os delegados e funcionários do Instituto Nacional do Trabalho.



No ministério da Marinha inauguraram-se há dias os Cursos Navais de Guerra para o ano de 1943. Presidiu o sr. contra-almirante Sousa Ventura, chefe do Estado Maior Naval e, internamente, major general da Armada, ladeado pelos srs. comandantes Silva

AO VENTO DAS ESTÉPES

por Francisco Velloso

OITO dias agitados. Os alemães ainda não têm posições diante do inverno recolhendo às tendas. Os aliados ficam com a sobrecarga da ofensiva na já célebre Segunda Frente. Neste meio tempo um incidente deu relevo a todos os aspectos pormenorizados da situação.

PRÓLOGO



Desde os últimos dias de Setembro, abre-se e além do Reno o caudal dos discursos. A 27 falou Ribbentrop. Esse discurso ao comemorar-se o 2.º aniversário do Pacto Tripartido, segundo significativamente se lhe chama já, ou *Triplíce* como mais gramaticamente poderia denominar-se, foi um prólogo, desenhado em arco triunfal aos coloridos iniciais do outono ocidental e já sob os fustigantes ventos dos nevoões russos, começando por uma re- senha de vitórias a leste cifradas no número de milhas de territórios ocupados, para concluir que um país que perdeu petróleo e vias férreas e fluviais «mais cedo ou mais tarde perderá o último alento», (o que evidentemente admite para mais longe na eventualidade dos tempos a conclusão suprema e almejada da campanha) e rematando, através de grande chacota, sobre o auxílio inglês e norte-americano à Rússia, por bimbalar nos campanários da política exterior do Reich, o aleluia, também futuro, da futura Nova Ordem em todas as partes do mundo — menos na África e nas três Américas e na Oceania. Houve indubitavelmente nas palavras e conceitos do Chanceler do Reich uma forte dose de ironia que aligeirou a sua leitura na recepção «aniversária de Berlim.

Depois de Ribbentrop — que no entanto não deixou de aludir aos bombardeamentos destruidores das cidades e centros industriais da Alemanha e à declaração anglo-americana sobre o castigo dos responsáveis por crimes de guerra — falou Hitler, como já vimos, no dia 30, no Palácio dos Desportos, ao abrir a campanha do Socorro de Inverno. E o *Führer* concretizou as referências do orador precedente (Ciano em Roma e o novo ministro dos negócios estrangeiros do Japão, Maizyuki Tani, haviam lido a 26 rápidas e pouco expressivas mensagens, respectivamente em Roma e em Tóquio, a propósito do Pacto) o *Führer*, diziamos, concretizou nestas palavras as referências do seu chanceler à campanha de leste: «Actualmente trata-se especialmente da situação de Estalinegrado que também vai ser liquidada. Com efeito, essa posição será conquistada e fortificada. Podeis estar convencidos de que ninguém será capaz de nos desalojar dali». Escrevemos a 12 de Outubro. Entre 8 e 9, nos subúrbios ao norte de Estalinegrado

ainda Von Hoths, o oficial general a quem foi agora confiado o resto do empenhamento, desencadeava dez grandes ataques para dominar as famosas fábricas-fortalezas. A 10 e 11, a artilharia alemã substituiu, com os bombardeamentos pela aviação, a infantaria e os carros. A cidade estava em chamas, usando-se de fogo para desalojar das suas posições as tropas heroicamente as defendem. É visível o propósito alemão de arrazar Estalinegrado. Era a isto que Hitler se referia ao dizer que ela «seria liquidada», para, ocupadas as ruínas fumegantes, ser fortificada depois, oportunamente pelos alemães, embora o exército do Reich passe de ora à frente à defensiva na frente leste — ideia central do seu discurso.

MUDANÇA



Se Hitler assim definia o extremo do máximo esforço alemão, os acontecimentos confirmavam que ele alcançara o mais que conseguir pudera, razão porque de ora à frente só se atacaria onde mais necessário. Já no dia 3, a agência oficiosa francesa informava que, segundo as esferas autorizadas de Berlim, «o factor tempo deixara de influir, dado que o objectivo da objectiva de verão já se alcançou, no momento em que o tráfego no Volga já fora interrompido». As palavras são assás claras no seu significado. E acrescentava-se: «Por consequência já não se trata para os alemães de ocupar Estalinegrado a todo o custo».

No dia 9, aquela mesma agência francesa insistia nesta situação: — O comando alemão decidiu abandonar a tentativa de tomar de assalto com a infantaria as zonas de Estalinegrado ainda em poder dos russos, nomeadamente o distrito das grandes fábricas, a noroeste. Isto deduz-se da declaração feita ontem pelos círculos autorizados de Berlim, que salientavam terem sido os dois objectivos estratégicos em Estalinegrado já alcançados: o centro da cidade encontra-se ocupado e a brecha e progressão até ao Volga são um facto. Para evitar perdas inúteis em homens, as posições soviéticas serão sistematicamente marteladas e arrasadas pela artilharia pesada».

A batalha do Volga, em Estalinegrado, trava-se há dois meses num centro cujo valor estratégico se determina pelas seguintes distâncias: — da parte alemã, o quartel general em Rostov situa-se num fúlcro com distâncias médias de 500 quilómetros de raio sobre o arco da periferia total das frentes, desde a extrema do Cáucaso ao ponto onde acaba o cotovelo, no Don superior; da parte dos russos, Estalinegrado, está a 6600 milhas de Moscovo, a 705 milhas de Saratov e a 250 milhas de Astrakan, na foz do Volga. Entre Estalinegrado e Moscovo desenrola-se a maior parte da frente de 3 mil e tal quilómetros em que se debate o pleito gigantesco en-

tre o Terceiro Reich e a Rússia.

Unindo-se, a traço, Estalinegrado-Saratov-Voronej, obtém-se o triângulo de defesa do alto Volga, com vértice na terceira destas cidades, que assim continua a constituir centro vital das defesas russas do sul, no dos sucessos estratégicos de toda a ofensiva alemã. Unindo-se, a traço, Estalinegrado-Astrakan-Mozdok, sobressairá o triângulo cuja posse abre a região do Cáspio a norte da cordilheira caucásica.

O primeiro triângulo não foi invadido. O segundo fica abordado em Estalinegrado, mas na margem ocidental do Volga, e em Mozdok. Em plena e furiosa batalha em serranias cobertas de neve.

A RECTAGUARDA



Depois desta importante resolução do estado-maior alemão, depois da exposição de Hitler, ficava, porém, a outra face do problema: a do interior. O *Führer* só a focará numa conclamação cheia de fé.

Goebbels somente aludira ao Socorro de Inverno e aos seus magníficos resultados. Ao contrário do que se procedera anteriormente, fora o ministro da propaganda quem presidira à sessão.

No dia 4, a resposta estava dada. Ali, no mesmo Palácio dos Desportos, o chefe descrecionista da economia do Reich, ao conceder camponeses e proprietários rurais na Festa das Colheitas, assomou à mesma tribuna donde o *Führer* orara, e largamente debateu o problema da resistência interior. Para quem de longe segue o suceder dos factos, o discurso de Goering desdobrou o de Hitler. Vamos ao sabugo das suas afirmações. Primeira: — A situação alimentar da Alemanha nunca foi tão grave como se julga. Segunda: — «Em princípio todas as dificuldades estão vencidas. Na realidade não é assim porque estamos em guerra e uma guerra que não se confina apenas à frente, mas abrange as fábricas de armamento. Do mesmo modo que os agricultores, também o operário alemão foi mobilizado e por isso foi preciso substituir esses operários por estrangeiros vindos de países amigos e neutros, e pelas massas de prisioneiros de guerra. Nesta ordem de idéias, deve dizer-se que o operário e o camponês alemão, como combatentes, fizeram o necessário para que o número de substitutos fosse suficiente. Mas quem tem de trabalhar tem de ser bem alimentado, e por isso além da nossa população, temos de alimentar seis milhões de estrangeiros e mais de cinco milhões de prisioneiros de

guerra. Isso equivale a dizer que será preciso intensificar ainda mais a batalha da produção. Podendo agora avaliar-se mais claramente e mais exactamente a importância das colheitas, pedi ao secretário de Estado, Backe, que fizesse o necessário para que, de futuro, nas regiões mais ameaçadas pelos ataques aéreos, a ração de carne fosse aumentada mais cinquenta gramas. Desde hoje, se fazem preparativos para no Natal se dar ao povo alemão uma ração suplementar especial de carne, de farinha e, espero, de outras coisas mais».

Seja qual for o destino da guerra, estas palavras têm um valor formidável, para se juntarem às que em Londres recentemente proferiu Lord Moulton sobre o duro rateio alimentar das populações.

E o marechal esclareceu mais, e indubitavelmente sem rodeios: «A colheita de colza foi destruída pelo frio. Mas — disse — o soldado alemão conquistou as regiões extensas da Rússia capazes de compensarem essa perda. Na Rússia há enormes extensões onde se cultiva o girassol. O óleo de girassol é melhor ainda que o de colza. Portanto, a compensação da perda da colheita de colza é um facto que deve alegrar o povo alemão». Em compensação anunciou que a colheita da batata ultrapassava tudo o que já mais se viu até hoje em solo alemão.

Daqui, Goering declarou que à Alemanha «não chegava o estreito espaço» em que vivia, e sacou logicamente que o remédio fora a campanha de leste. E gritou sem reticências:

«Era ideal que a população dos territórios sob protecção alemã não sofresse fome. Mas saibam todos que no caso de surgirem dificuldades por causa das medidas tomadas pelo adversário, a Alemanha, em circunstância alguma sentirá os horrores da fome». A Alemanha encontra-se em situação desajogada e é com satisfação que se verifica que dum maneira geral todas as forças armadas alemãs se alimentam exclusivamente de produtos de regiões conquistadas, de modo que se pode beneficiar o povo germânico com as colheitas do Reich, às quais se devem acrescentar os fornecimentos cada vez em maior quantidade dos territórios ocupados».

O programa alemão está, pois, completo: — a defensiva a leste, com a defesa de todos os territórios ocupados e povos submetidos, contra quaisquer tentativas de invasão da Europa; — restrições na alimentação mas só até ao limite em que seja de justiça porque o soldado e o operário equivalem-se. — O soldado é lei. Agora mesmo surgiu — naquele país onde ser oficial constituiu sempre uma alta selecção social e uma honra, esta sensacional determinação do Alto Comando: A partir de agora, o certificado de estudos, em determinada escola,

deixa de ser necessário para os que apresentem a sua candidatura à carreira de oficial. As condições prévias são: ser digno de trazer as armas: estar pronto a servir a Alemanha Nacional Socialista e o seu «Führer»; idealismo pela carreira de chefe militar; qualidades de carácter notáveis; capacidade de chefia; vivacidade de espírito; possibilidade de desenvolvimento intelectual; aptidão física e pureza de sangue ariano.

TRES RESPOSTAS EM MOSCOVO



CHURCHILL. Diante da frente alemã, assim desenrolada, perpassou neste meio tempo, um sobresalto sísmico de crise nos países aliados. No dia 6, por três vezes, durante a sessão nos Comuns, insistira-se com Churchill para que fizesse declarações acerca de certas respostas de Estaline a um jornalista americano. As pessoas lidas, já conheciam o facto. Churchill recusou-se.

Henry Cassidy, representante da Associated Press em Moscovo, for-

Leite Materno

Não há nada que o substitua e todas as mães devem ter o orgulho de criar os seus filhos ao próprio seio

VITALOSE

Produto insistentemente recomendado pela Classe Médica, produz rápida abundância de leite, mesmo quando este tenha faltado por completo.

GÓSTO AGRADABILÍSSIMO.

EFECTOS IMEDIATOS.

À venda em todas as Farmácias

Prevenção: Rejeitar imediatamente, por falsificação, toda a embalagem de VITALOSE que não tenha esta etiqueta registada, de garantia:



mulára ao chefe soviético três perguntas e deu-lhe as respectivas respostas nos termos que reproduzimos do «Diário de Lisboa» de 7 do corrente (vai a citação para se ver que não é segredo em Portugal o que há quatro dias jornais estrangeiros livremente vendidos em Lisboa, espalharam no conhecimento público): — «A segunda frente ocupa um lugar importante e devemos dizer que ocupa mesmo o primeiro lugar na actual situação soviética».

A pergunta era qual o lugar que ocupava a possibilidade de uma segunda frente nas estimativas soviéticas. E Estaline continuou:

— «Toda a Rússia espera que os aliados cumpram inteiramente as suas obrigações e no tempo prometidos».

Perguntaram também a Estaline «qual a extensão do auxílio aliado à Rússia que seria efectiva e o que poderia ser feito para o melhorar». Estaline respondeu: — «Comparado com o auxílio que a União Soviética deu aos aliados, atirando sobre si, as principais forças dos Exércitos alemães, o auxílio aliado à Rússia até agora tem sido ineficaz. Para o aumentar e melhorar apenas uma coisa se requiere: que os aliados cumpram as suas obrigações e no tempo conveniente».

A pergunta seguinte era: — «O que resta da capacidade soviética de resistência?», Estaline respondeu: — «Penso que a capacidade soviética de resistência aos alemães é nem menor nem maior do que a capacidade alemã ou qualquer outra».

Já antes, por intermédio de Wilkie, Estaline, numa entrevista cuja descrição pelo político americano é cheia de colorido, proferira palavras que traduzem mais ou menos as mesmas idéias. E, de facto, passadas à feira da realidade, elas nada dizem de novo, nem a sua autoria pode causar interdito público. Todos estamos fartos de o ouvir.

Qual então a razão do levantar?

A de que, onde há fumo, há fogo. No dia 8 era anunciada a viagem do almirante William Standley, embaixador dos Estados Unidos em Moscovo, ao seu país, acompanhado pelos seus adidos naval e militar, na sequência da actividade diplomática e da agitação política que romperam da publicação das respostas de Estaline às perguntas da

«Associated Press» sobre a segunda frente.

O correspondente da Reuter em Kuibishev, citando a entrevista do almirante com o chefe soviético, em despedida, resumia a situação, dizendo que a afirmação de que os aliados «cumpram todas as obrigações plenamente e a tempo» parece envolver não só o embarque de material de guerra e de outros abastecimentos, «mas compromissos relativos a uma cooperação militar activa contra a Alemanha, e que a prolongada e vigorosa resistência do exército russo em Estalinegrado não deve apoucar a gravidade da situação», e acrescenta até que o resultado depende de pouco, porque Hitler, como aliás anunciou no seu discurso, está resolvido a lançar ali tudo para conseguir o êxito.

Mas o certo é que a Rússia e os seus aliados também não podem considerar sem ansiedade as consequências da queda de Estalinegrado.

«Há meses que o exército russo nas outras frentes mantém operações ofensivas para derrotar 120 divisões alemãs espalhadas por todas estas frentes. A questão é, pois, sabermos se essa pressão de flanco é suficiente para salvar Estalinegrado e tempo, e por isto o apelo de Estaline baseia-se nesta emergência que impõe uma acção imediata dos aliados, quaisquer que fossem as resoluções tomadas quando Churchill esteve na Rússia».

Há pouco, Samuel Hoare, o melhor político companheiro de Chamberlain aludia à necessidade de se andar depressa.

O chefe soviético dissera o mesmo a Wilkie, mas o «Times» chamava à resposta de Estaline a Cassidy um documento perturbador, abrindo «uma discussão sobre estratégia diante do inimigo, o que significa haver alguma coisa de errado na organização de guerra das Nações Unidas», e opinava que a estratégia é inseparável dos fins diplomáticos, — embora se possa dizer também às avessas e sem errar que estes são inseparáveis daquela.

A opinião do Canadá que deu os soldados de Dieppe, exigia que não se empreenda uma «acção louca, cujo preço pode ser elevado, só porque Estaline assim deseja ou os estrategas amadores o pedem».

De tudo isto, agitado como mar

MORREM OS DENTES ADOECEM AS GENGIVAS nas bocas sem



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germes patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não mascara falsamente o halito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

em vaga larga, tanto podia sair uma crise como uma decisão. A opinião popular nos países que formam a coligação das Nações Unidas, é que parece reclamar mais a segunda do que a primeira. Mas a tempestade passou do palco para os bastidores.

No dia 11, aparecia em Nova York uma rectificação. Na carta de Estaline ao jornalista americano, ele não dissera: «plenamente e a tempo» mas «plenamente e em ocasião oportuna». A rectificação vinha da mão do embaixador russo em Washington, o sr. Litvinoff...

O vento gélido da estepe deixara de silvar em Downing Street e na Casa Branca.



O Monte de Ebrouz, no Cáucaso, uma montanha de mais de 5.000 metros de altitude onde russos e alemães estão travando dura luta.

Fonte da Telha

Uma aldeia selvagem a meia dúzia de quilómetros de Lisboa



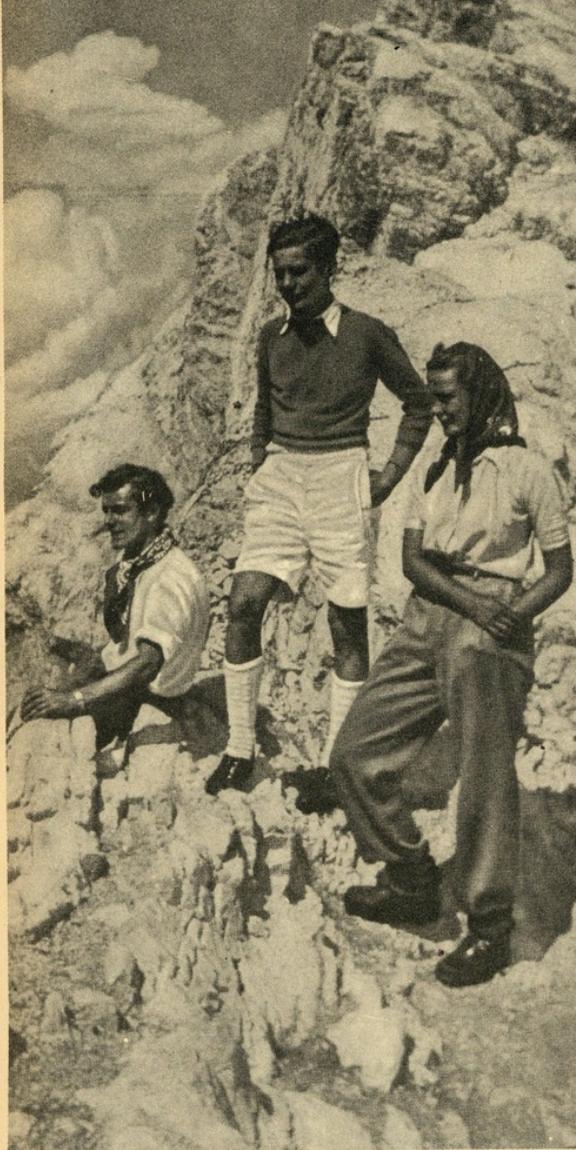
A Fonte da Telha! Quem conhece esta praia, a que fica a 30 quilómetros da Costa da Caparica? Pouca gente. Raros se aventuram a percorrer trinta quilómetros de areia. Todos os anos, nos escaldantes meses de verão, há, no entanto, sempre quem se aloje. Há um mês, num dia quente de Setembro — e houve bem poucos! — um grupo de rapazes animados lá foi parar. Pôs pés a caminho e lá chegaram e de lá nos trouxeram os fotos que ilustram esta página. Foram mais de sete horas de marcha. O horizonte é sempre o mesmo: céu, mar e areal.

A Fonte da Telha é uma aldeia? Nem isso. É um lugar. Seis ou sete barracas de colmo e nada mais. Não se vê vivalma. As barracas não têm janelas — só portas e estas fechadas. Na praia, rédes e utensílios de pesca. E os pescadores? Soubemos depois. Tinham andado rã trina fôda a manhã e estavam a descomar. Gente que vive mais de noite do que de dia. A meio das calçadas descobriam os «exploradores» umas «vedas». O tio António é o seu dono. Tornado pelo sol, só um dente lhe luz no rosto... Ali vive isolado, no meio de sete ou oito pescadores... Mulheres, não há ou não se vêm... Uma criança apareceu e fugiu ao ver a «máquina fotográfica» ao pé... Mais viram: um burro, uma galinha e duas cabras. Nada mais.

Na praia, sim, na praia lá estava um pescador consertando rédes. Quisemos trocar impressões. Era de poucas falas. O tio António, sim, êsse conversa e acompanhou o grupo, para indicar o caminho. Subiram a encosta. São quasi sessenta metros de escadão. A vista é soberba. O Oceano azul perde-se na frente dos «exploradores». Só para isso valeu a pena o passeio... aquela aldeia — chamemo-lhe assim — selvagem, a dois passos da Caparica, que também fica a dois passos de Lisboa...

(Fotos Seródio)

Signal



Tôda a actualidade mundial num volume de 40 páginas profusamente ilustradas

O n.º 20 publica: Desmoralização — O Cáucaso — A quarta tentativa de desembarque dos ingleses: Dieppe. Como se planeou, e como sucedeu — A polícia por um prisma diferente — Assunto português: Entre Madrid e Lisboa.

Esc. 2800, cada exemplar

Distribuída por:

Agência Internacional

Rua de S. Nicolau, 119 — LISBOA

**Páginas
a
côres**



Ante-ontem — dia 13 — na Cova da Iria, com a presença do sr. Cardial Patriarca, foi entregue ao sr. Bispo de Leiria a maravilhosa corôa que Lisboa inteira admirou na montra da Joalheria Leitão & Irmão — e que a nossa gravura reproduz.

Trata-se duma verdadeira obra de arte, que contém 2.650 pedras e 313 pérolas, assim descriminadas: 950 Brillhantes de 76 quilates; 1.400 Rosas de 20 quilates; 313 Pérolas; 1 Esmeralda grande de 1,97 quilates; 13 Esmeraldas pequenas; 33 Safiras; 37 Rubis; 260 Turquezas; 1 Ametista e 4 Agnus-marinhas.

O seu peso total é de um quilo e duzentas gramas.

A factura da corôa honra as oficinas da afamada Joalheria Leitão & Irmão, tanto mais que se fez no espaço escasso de três meses. Trabalharam nessa preciosa peça 12 artistas, desde o modelador ao fundidor, incluindo três mestres de joalheiro e três mestres cravadores.



Por abandonar o seu pósto em Lisboa, despediu-se há dias da colónia o sr. Ministro da França em Portugal, Mr. François Gentil, diplomata distinto que conquistou rápidamente entre nós as maiores simpatias.



O general Thomas Holcomb, comandante de um dos corpos de Marinha dos Estados Unidos, foi recebido na Casa Branca com o fim de oferecer ao Presidente Roosevelt esta bandeira capturada aos japoneses. O Presidente não aceitou a oferta, embora grato pela deferência da idéa, e recomendou que esse troféu inimigo fosse entregue ao Museu da Marinha dos Estados Unidos.

Abrirem os olhos! Os que entram.. Os que vão sair.

A CABARAM-SE as férias — começaram as aulas! Pelos liceus da capital, mais de cinco mil alunos de ambos os sexos, voltaram ao estudo. Uns entraram pela primeira vez, e estão — como mostra a gravura de cima — alegres e confiantes para fazer «frente» às dificuldades que



se lhes vão deparar; outros, a maioria, vão continuar... Estes, ao entrar de novo nos liceus, abraçam-se, radiantes por se tornarem a encontrar e prontos para vencer mais um ano... Há, ainda, os que têm esperança de que seja a sua última volta às aulas nos liceus: são os finalistas.

São tudo rapazes de 11 aos 17 anos: idade da alegria sã e da transição de garoto para quasi homem...

A camaradagem neste período escolar é a que mais fica na memória — é a que não esquece pela vida fora... São sete anos de convívio permanente, de mútuas confidências. As grandes amizades nascem, a maior parte das vezes, nos bancos dos liceus.

--Conheci-te de calção-- dizem,

quando já homens nos voltamos a encontrar na vida.

Nada há que se compare a esses anos, em que dia a dia, nos vemos, em que dia a dia conversamos... É nesse período que a inteligência desabrocha, em que os campos se começam a extrumar... Uns vão ficando pelo caminho: pouco estudo, más companhias, má visão do futuro. Outros não: compreendem que sem estudar nada se consegue, e, com os olhos em frente, caminham quasi sem dar por isso...

Para os que entram, para os que se iniciam e têm o primeiro contacto com os colegas mais velhos, a esses custalhes este primeiro mês — para os outros, o ano lectivo que começou, em nada altera a sua vida escolar — a não ser no ter mais um ano de idade, mas também já têm um ano mais no curso...

Depois dos abraços e depois da apresentação dos «calções» — as aulas começaram...



HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIV A rivalidade de alemães e russos



RODOLFO HESS

5

SINTOMAS QUE NÃO ENGANAM



O dia 5 de Abril de 1941 marca o início da fase catastrófica nas relações germano-russas. Depois dos episódios reveladores dos países bálticos, da ocupação da Bessarábia e da Bukovina, da entrada das tropas alemãs na Bulgária, esse dia representa uma data capital não apenas na história das relações entre os dois países, mas na história do conflito actual. É agora, visto a distância, que ele assume toda a sua significação e parece hoje impossível que depois do que ele serviu para revelar houvesse ainda, nalgumas capitais, a mais pequena dúvida de que era inevitável o conflito militar entre russos e alemães.

Em 27 de Abril o general Simovich pusera-se à frente do movimento insurreccional contra o governo do príncipe Paulo e a sua orientação de política externa. Esse movimento era, praticamente, dirigido contra o Reich e contra a adesão da Yugoslávia ao pacto tripartido consumada algumas horas antes. Nem em Berlim nem em Belgrado houve qualquer hesitação. Nas duas capitais interessadas começaram imediatamente a fazer-se preparativos febris na previsão do pior.

Ao contrário do que era convicção geral, a influência britânica na capital yugoslava fora, de todas as influências estrangeiras, a que menos concorrera para que os acontecimentos tomassem essa feição. Mais do que a diplomacia inglesa, tinham sido a diplomacia soviética e a diplomacia norte-americana que haviam concorrido poderosamente para o desenlace

inesperado da crise yugoslava. A fraternidade eslava jogara, mais uma vez, como um aliciente poderoso para determinar a atitude dos sérvios e, em última análise, para decidir a resistência o povo yugoslavo.

No dia 5 de Abril, véspera da entrada das tropas alemãs em território yugoslavo, foi tornado público, em Moscovo e em Belgrado, o texto do tratado de amizade e de não agressão celebrado entre a Yugoslávia e a U. R. S. S., tratado que implicava a concessão dum auxílio militar do segundo ao primeiro destes países. Como seria possível tornar efectivo esse auxílio militar? Contra quem era ele dirigido? Estas foram as interrogações que desde logo começaram a dominar a atmosfera internacional, e cujas respostas dariam a chave dos acontecimentos que iam desenrolar-se vertiginosamente.

O PACTO RUSSO-YUGOSLAVO

Uma simples vista de olhos lançada sobre um mapa dos Balcans levava à conclusão de que os russos não poderiam prestar, em caso de se desencadarem as hostilidades, um auxílio eficaz aos seus irmãos de raça, os eslavos do sul. Ressuscitava um problema que anos antes agitara a opinião pública francesa quando os adversários do pacto com os soviets perguntavam se, independentemente de todas as razões que desaconselhavam a celebração desse pacto, a França poderia esperar, na hipótese de uma guerra com o Reich, qualquer auxílio militar dos exércitos soviéticos.

Renovava-se a dificuldade agora. De facto, tanto a Roménia como a Bulgária, depois das transformações da política interna que se haviam registado nos dois países, tinham alinhado claramente ao lado do «eixo». Mais do que isso: em território romeno, como em território búlgaro encontravam-se importantes contingentes de tropas alemãs, e ninguém podia ter dúvidas de que essas tropas agiriam no caso de isso se tornar necessário. O auxílio russo aos yugoslavos só podia ser prestado desde que em Moscovo se tivessem decidido por um rompimento claro com a Alemanha. A verdade é que o momento de adoptar uma solução extrema ainda não tinha chegado, embora ninguém pudesse ter dúvidas de que ele se aproximava com uma velocidade reveladora.

Então, desde que o auxílio militar era praticamente impossível, a não ser que se traduzisse apenas pelo envio de algumas esquadrihas de aviões para a Yugoslávia, que significado era legítimo atribuir ao pacto russo-yugoslavo cuja celebração veio ainda excitar mais os ânimos já bastantes excitados pela natureza dos factos ocorridos durante os primeiros dias daquele agitado mês de Abril? O significado de uma hostilidade latente entre Berlim e Moscovo, quaisquer que fossem os aspectos exteriores que revestissem as relações germano-russas e quaisquer que fossem as afirmações oficiais ou os desmentidos officiosos que a evolução dessas relações suscitasse nos países interessados. A crise diplomática era já de tal maneira evidente, afirmava-se tão nitidamente, mesmo aos olhos dos observadores internacionais mais desprevenidos, que de nada serviam as declarações de boa vontade recíproca a que os factos tinham deixado de corresponder inteiramente.

AS FRONTEIRAS ESTRATÉGICAS

Foi esta a interpretação, dada em Londres e em Washington, bem como nas capitais informadas dos países neutros da Europa e da América, que rapidamente se impôs. A representação diplomática da Grã-Bretanha em Moscovo, assegurada pela presença nesta capital do embaixador Stafford Cripps e pela natureza das relações que este homem de Estado britânico mantinha com alguns dos dirigentes soviéticos constituiu uma valiosa fonte de informações para que o governo inglês estivesse em condições de apreciar o verdadeiro significado e avaliasse, no seu verdadeiro valor, as repercussões possíveis da crise que se acentuava, de dia para dia. O mesmo pode dizer-se da representação diplomática dos Estados Unidos nas capitais balcánicas que se tornaram, naturalmente, um pósto de observação de primeira ordem para apreciar o agravamento nascente das relações germano-russas. As reacções registadas nessas capitais, que nunca haviam deixado de ser um centro de fermentação política, davam a medida exacta do que se preparava tanto em Berlim como em Moscovo.

Em Londres, a política realizada pela U.R.S.S. desde a celebração do pacto com a Alemanha em 23 de Agosto de 1939 apareceu então com toda a sua força reveladora. Essa política fora toda orientada no sentido dum conflito militar eventual. Bem podia dizer um observador dos acontecimentos internacionais que, nessa data histórica, o Reich e os soviets celebraram um pacto de agressão que começou imediatamente a produzir os seus efeitos. Esses efeitos podiam resumir-se numa fórmula concreta: a U.R.S.S. adiantara, até ao limite extremo, as suas fronteiras políticas para que, no momento próprio, estivesse em condições de fazer a mobilização do seu potencial humano.

O exemplo decisivo do que se passara com a Polónia, o exemplo mais decisivo ainda do que ia passar-se com a Yugoslávia serviram para confirmar a exactidão do critério que determinara todas as acções dos dirigentes soviéticos. Instalando-se no istmo da Carélia, depois da guerra com a Finlândia, ocupando a parte oriental do território polaco, assenhoreando-se da Bessarábia e da Bukovina, realizando, sem



DUQUE DE HAMILTON

efusão de sangue, a conquista dos países bálticos, era o mesmo objectivo que os soviéticos prosseguiam.

AS APARÊNCIAS E AS REALIDADES

Política de defesa nacional? Sem dúvida. Mas ao mesmo tempo política que servia os destinos profundos dos chefes políticos de Moscovo. O interesse dos soviéticos estava em poder adiantar, ao abrigo da cortina de fumo duma preparação diplomática prolongada, os preparativos militares que já, segundo as informações mais autorizadas, se encontravam bastante adiantados. A campanha dos Balcãs, prolongando-se durante algumas semanas, constituiria o compasso de espera indispensável para que esses preparativos militares pudessem tomar tódá a amplitude necessária. Realizando-os, os soviéticos significavam, de maneira inequívoca, ao Reich, que tinham a decisão firme de fazer a guerra, no caso de esta se tornar inevitável. E que não havia em Moscovo o propósito de enveredar pelo caminho das concessões, depois de claramente os russos terem colhido todos os benefícios do pacto de 23 de Agosto. Foi na previsão, aliás fácil, destas intenções que a diplomacia do Reich fez tudo para evitar uma luta armada com a Jugoslávia que fatalmente havia de retardar a realização do esloço julgado necessário contra a U.R.S.S.

Assim, aquilo que na aparência representava uma vitória militar total traduzia-se, no plano político e também no plano militar, por um retardamento que não podia deixar de contrariar os homens encarregados de conduzir a guerra do lado alemão. Esse retardamento não podia deixar de ser visto com bons olhos em Moscovo, onde a orientação dos preparativos, a todo o custo, passara a dominar tódas as outras preocupações.

No dia 19 de Abril o «Pravda» publicava uma extensa nota oficiosa sobre a natureza das relações germano-russas.

A nota negava que entre a U.R.S.S. e o Reich houvesse quaisquer fricções, e acrescentava que os boatos postos a correr por certa imprensa eram inspirados pela Grã-Bretanha, que teria o maior interesse em que os dois países se não entendessem. «A política da União Soviética», continuava a nota do «Pravda», mantém-se inalterável, e é conhecida de todo o mundo: manter a Rússia em paz e concorrer, em tudo, para evitar uma extensão das hostilidades». Ao mesmo tempo ia, porém, dizendo que tendo o governo de Moscovo recebido um convite, em Novembro de 1940 (quando da viagem de Molotov a Berlim) para se associar ao pacto tripartido, recusara a oferta ainda em obediência ao mesmo critério.

SINAIS DE INQUIETAÇÃO

A nota do «Pravda» recebeu o mesmo acolhimento frio em Londres e em Berlim. Em Londres porque o ataque à Grã-Bretanha parecia incompreensível a uma opinião pública mal informada; em Berlim porque se acusava a Rússia de haver cometido uma indiscreção inútil divulgando o que se passara durante as entrevistas celebradas em Berlim quando da discutida visita do comissário do povo para os negócios estrangeiros. Assim a nota, que visava a clarificar o horizonte internacional, teve o condão de adensar as nuvens que já se acumulavam nele em número apreciável.

Dois novos episódios iam ocorrer, ao mesmo tempo que a vitória alemã nos Balcãs se acentuava rapidamente, para denunciar a impossibilidade dum entendimento duradouro entre russos e alemães. Em 29 de Abril foi publicado em Moscovo um decreto nos termos do qual era absolutamente proibido o trânsito de material de guerra, de qualquer natureza, nos caminhos de ferro russos. Qual era a verdadeira finalidade desta resolução? A assinatura do pacto tripartido pusera o problema da colaboração militar entre alemães e japoneses, tendo sido nomeadas para a electivar várias comissões de peritos. Essa colaboração, para ter efeitos apreciáveis, só podia electivar-se fazendo transitar nos caminhos de ferro russos o material de guerra fabricado no Reich com destino ao Japão cuja indústria ainda não havia atingido o grau de desejada eficiência. Três dias antes, a 26 de Abril, o «Pravda» anunciava, filiando a notícia em fontes insuspeitas, que tinham chegado ao porto finlandês de Åbo quatro transportes alemães carregados de tropas, e que estas tropas haviam ficado aquarteladas na

Finlândia.

Segundo a informação do «Pravda», as tropas transportadas atingiam a cifra de doze mil homens. Dias depois, o mesmo jornal russo informava que as referidas tropas alemãs se tinham deslocado para Tampere, no caminho da fronteira soviética. Em Berlim e em Helsinquia publicaram desmentidos categóricos a esta notícia, mas a imprensa soviética insistiu na sua veracidade, embora se abstivesse de lhe juntar comentários ou de lhe dar qualquer interpretação. Mas a sua divulgação bastava para acentuar o carácter precário da amizade que subsistia já apenas na letra do pacto de Agosto.

UMA CORTINA DE FUMO

O «Sunday Times» publicou nos primeiros dias de Maio algumas revelações interessantes sobre os bastidores das relações germano-russas naquela época. A imprensa alemã renovara a sua campanha anti-comunista reeditando os argumentos que durante os anos que mediarão entre 1933 e 1939 haviam constituído o fundo da sua doutrinação.

Ao mesmo tempo, segundo afirmava o «Sunday Times», os meios russos de Berlim, inimigos irreductíveis do regime soviético, recebiam encorajamentos constantes das autoridades alemãs, a exemplo do que acontecera com Pavelich e Rachid Ali.

No dia 6 de Maio anunciou-se oficialmente que Estaline, que até então desempenhava apenas as funções de secretário geral do partido, passava a ocupar o cargo de presidente do conselho dos comissários do povo (chefe do governo) com tódas as honras e responsabilidades inerentes a esta função. Embora, na prática, se não tratasse de criar uma situação nova, o significado político do acontecimento não passou despercebido. Estaline era já, de facto, o ditador da Rússia; mas anunciando-o oficialmente ao mundo, os russos queriam



MOLOTOV

significar que havia uma entidade responsável por tódas as resoluções a tomar, mesmo que estas, como seria o caso duma declaração de guerra, viessem a revestir-se da maior gravidade e importância.

No dia 19 de Maio, porém, a cortina de fumo que começara a ser levantada com a publicação da nota oficiosa do «Pravda», que tão mau acolhimento tivera em Berlim, adensou-se com a divulgação da notícia de que o governo soviético deixara de reconhecer as representações diplomáticas de três países ocupados: a Bélgica, a Noruega e a Jugoslávia. Se em relação à Bélgica e à Noruega o caso podia ser tomado à conta de cumprimento de simples formalidade burocrática, no caso da Jugoslávia, país com o qual apenas um mês antes a U. R. S. S. assinara um pacto de amizade, não havia outra explicação que não fosse a de patenear o desejo de evitar uma rutura definitiva com o Reich, que passara a dominar inteiramente a totalidade de território yugoslavo. Estes factos, na aparência contraditórios, não deixaram de impressionar vivamente a opinião pública da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos, que não encontravam para eles uma explicação coerente.

A AVENTURA DE RODOLFO HESS

Um acto idêntico praticado pelos russos dois dias depois, a 12 de Maio, veio tornar irremediável a confusão que reinava em algumas capitais. Foi o reconhecimento oficial pela U.R.S.S. do governo de Rachid Ali. Tratava-se de praticar mais um acto de hostilidade contra a In-

glaterra? Tratava-se de fazer uma afirmação de boa vontade em relação ao Reich, que via com evidente simpatia o desenrolar dos acontecimentos no Irã? Ou, mais simplesmente, tratava-se de afirmar o interesse que os soviéticos atribuíam ao Próximo Oriente e à sua evolução?

Mas o mundo encontrava-se, nessas horas em que o formulário diplomático significava bem pouco, sob a impressão dum acontecimento desconcertante. Só algumas semanas depois foi possível, perante o discurso que o Primeiro Ministro, Winston Churchill, proferiu na Câmara dos Comuns para apreciar a declaração de guerra do Reich à U. R. S. S., reconhecer todo o significado profundo desse acontecimento. Na altura em que ele decorreu, o mistério de que se rodeou era bastante impenetrável para que sobre ele pudessem formular-se mais do que vagas conjecturas.

No dia 10 de Maio, o lugar-tenente do Führer, Rodolfo Hess, desceira na Escócia, em paracadedas. O avião que o transportava caíra e despedaçara-se. Sabia-se apenas que aquele categorizado dirigente nacional-socialista saíra de Augsburg e, depois de fazer um percurso de cerca de novecentas milhas, quando começava a faltar-lhe o carburante, desceira junto a uma propriedade do duque de Hamilton, na Escócia. Ao descer fracturara uma perna, tendo sido conduzido a um hospital próximo, onde se encontrava em tratamento e sob rigorosa vigilância. Um alto funcionário do ministério dos Estrangeiros britânico fóra enviado para ouvir as suas declarações. Estas conservaram-se secretas. Nem na imprensa, nem no parlamento, o governo ou alguém que estivesse em condições de interpretar o seu pensamento, revelou a natureza da missão de Rodolfo Hess. De Berlim desmentiam categoricamente que essa missão existisse. Hess, segundo a versão alemã, dava há algum tempo mostras de uma excitação nervosa crescente, e estas perturbações agravavam-se à medida que o tempo e a guerra decorriam. O voo para Inglaterra fóra de sua exclusiva iniciativa.

A ÚNICA EXPLICAÇÃO

Quem era Rodolfo Hess, e quem era o duque de Hamilton, a personalidade britânica com quem, segundo tódas as probabilidades, ele procurava encontrar-se? Lugar-tenente do Führer e seu sucessor designado, Rodolfo Hess era um símbolo de fidelidade e de lealdade à personalidade do chefe do Reich. Nunca entre ambos se manifestara a mais ligeira discrepância de pensamento ou de acção. Hess seguia fielmente Adolfo Hitler desde as horas distantes do «putsch» de Munich. Fóra seu companheiro na prisão e auxiliara-o a organizar o «Mein Kampf». Depois disso tomara parte em todos os actos políticos importantes da vida da Alemanha, associada a sua personalidade e estreitamente à acção do Führer. Durante a quadra tormentosa da propaganda para a conquista do poder, como mais tarde, bem podia dizer-se que Hess fóra a sombra vigilante de Adolfo Hitler.

Não era de conceber que o seu acto traduzisse uma intenção isolada mesmo que, como dizia a versão alemã do acontecimento, o desejo de restabelecer a paz dominasse no seu espírito enfraquecido pela doença todos os outros sentimentos e tódas as outras tendências.

Lord Hamilton era um membro categorizado da aristocracia inglesa sem significação política. A primeira versão do episódio Hess dizia que os dois homens se haviam conhecido durante a celebração dos Jogos Olímpicos em Berlim, e que haviam estabelecido, desde essa data, relações de amizade. Acrescentava essa versão que entre Rodolfo Hess e Lord Hamilton se travara, antes como depois do início da guerra, uma correspondência copiosa. Lord Hamilton havia de desmentir mais tarde as duas asserções. Segundo o seu depoimento, não tinha quaisquer relações pessoais com Rodolfo Hess, que apenas vira como a outros elementos categorizados do partido nacional-socialista durante a celebração dos Jogos Olímpicos, e nunca trocara com ele qualquer correspondência.

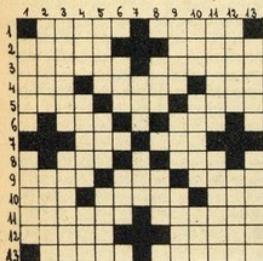
Mas não era possível, naquela altura, além dos aspectos ulteriores da estranha aventura de Rodolfo Hess, que se prestava a todo o género de especulações, estabelecer uma relação compreensível entre o voo aventureiro do lugar-tenente do Führer e o agravamento crescente das relações germano-russas. E essa era, afinal de contas, a chave do mistério da aventura de Rodolfo Hess.

(Continua)

VARIEDADES

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 43



Lodaçal - Sabora

HORIZONTAIS: 1 — Espécie de veado (pl.); Deusa da Agricultura no paganismo. 2 — Completo; Deslizam suavemente. 3 — Duas estrelas do signo de Câncer; Espécie

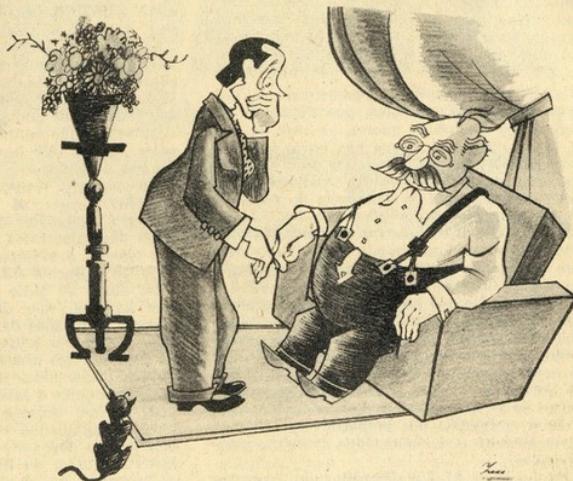
de bolos. 4 — Deus dos campos e dos rebanhos; Rocha (pl.); Acontecer. 5 — De cobre ou bronze; Preguiça (quadrúpede) (pl.); Lodaçal. 6 — Qualquer; Preposição e artigo (pl.); Lodaçal. 6 — Qualquer; Preposição e artigo (pl.). 7 — Intimo; Prep gr. Terra. 8 — Pref. gr. Para cima; Palmeira. 9 — Operação; Ilha da mar das Índias; Espécie de cegonha. 10 — Lecionar como professor; Elevado; Nome de mulher. 11 — Sinal ortográfico pôsto sobre vogal, que não forma ditongo com a imediata (pl.); Suavidade. 12 — Preferes um discurso; Amosso. 13 — Inflamar; Banqueta da imprensa.

VERTICAIS: 1 — Antiga nação de Índios do Brasil, hoje civilizada e espalhada pelo Rio-Grande-do-Sul; Licencioso. 2 — Destruir; Cio dos veados. 3 — Universidade; Mobílias. 4 — Contra o que devia ser; Agoiara; Duodécima parte do ano. 5 — Cheiro; Criada de criança; Vivenda. 6 — Agrada; Entregues. 7 — Têm ciúme de; Bagatela. 8 — Instrumento côncavo para meter e tirar o pão do forno (pl.); Deteriora. 9 — Nome de mulher (pl.); Pref. gr. Novo; Escavar. 10 — Lista; Chim ou índio assalariado para trabalhar em terra alheia; Residência habitual. 11 — Protecção (pl.); Aparador (pl.). 12 — O diabo; Assimila. 13 — Existiu; Nardo silvestre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 42

HORIZONTAIS: 1 — Gole; Afim; Tapa. 2 — Edema; Er; Te-

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



— Sabes a diferença que existe entre uma rapariga rica e um «pêssego»?
— 1?
— É que na rapariga rica prefe-re-se, geralmente, o «caroço», enquanto que no «pêssego» — se despreza.

A SÍFILIS e o seu remédio

Combater a sífilis sem abalos no organismo com um tratamento cómodo e económico, actuando em tôdas as manifestações da doença, tratamento feito durante os trabalhos ou ocupações do enfermo, consegue-se com o

DEPURATOL

que logo de início dá alívios, bom apetite de comer e uma boa disposição de espírito.

Tubo, para quasi uma semana de tratamento — 11\$00.

EM TODAS AS FARMÁCIAS

bas. 3 — Boi; Valado; Aum. 4 — Ar; Só; Mã. Tô. 5 — Opa; Zea. 7 — Lã; Uno. 8 — Hol; Lar. 10 — Sol; Ulo. 11 — Do; Ai; Cã; Vã. 12 — Itã; Muamba; Vir. 13 — Navio; Ré; Lhano. 14 — Alea; Tôsa; Ullos.

VERTICAIS: 1 — Gêba; Alho; Dina. 2 — Oloro; Oó; Sotal. 3 — Lei; Psalmo; Avé. 4 — Em; Sá; Lá; Ja. 5 — Avo; Imo. 7 — Fel; Aro. 8 — Ira; Mês, 10 — Tom; Cal. 11 — Te; Az; Ua; Hu. 12 — Abã; Epulas; Val. 13 — Pauta; Nã; Ovino. 14 — Asmo; Tôro Eros.

LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

T. S. F.

“Philips”, “R. C. A.”, “Mullard”, “Emerson”, “Marconi”, “Detrola”, etc.,

para tôdas as ondas, correntes, baterias e pilhas.

Valvulas europeias e americanas

Reparações garantidas de qualquer marca

FRIGORIFICOS
PREÇOS ESPECIAIS

Agradecemos uma visita ao nosso Salão

ARMAZEM MUSICAL

266, Rua do Ouro, 1.º / Telef. 2 7838
LISBOA

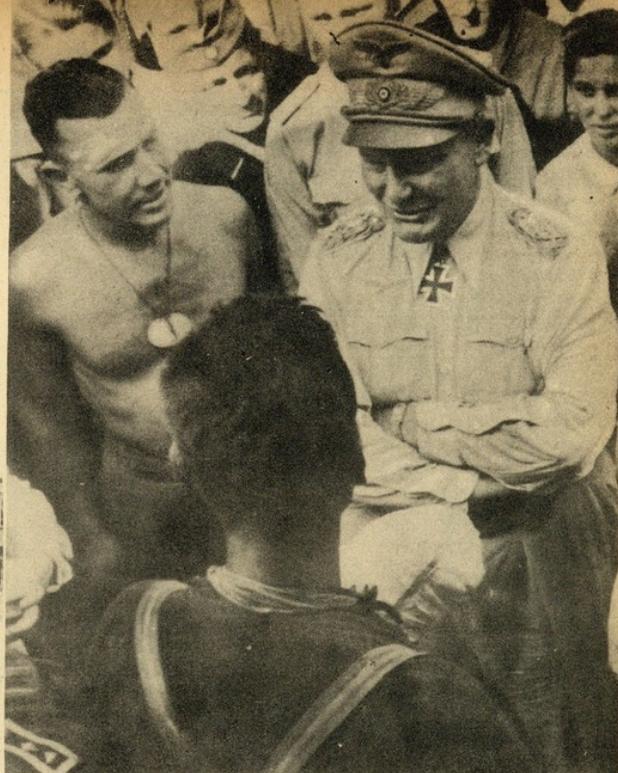


— Onde está a senhora?

— Safu acompanhada por um sujeito... que às vezes a vinha visitar... e deixou esta carta para o senhor.



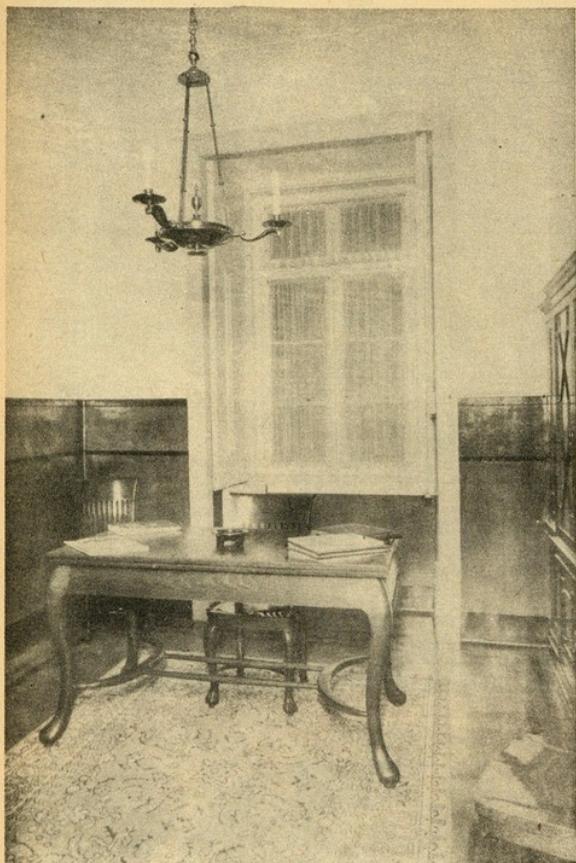
Como os alemães avançam na Rússia



Basta olhar estas gravuras para se ter uma impressão do que seja o avanço na Rússia das tropas de Hitler. É o «corpo-a-corpo» é o assalto a prédio por prédio, é a conquista da estrada a estrada.

A essa luta sobrehumana empreendida pelo exército alemão opõem os russos uma resistência encarniçada, defendendo o seu território palmo a palmo. Mas os chefes acompanham o avanço indo ao seu encontro e galardoando os que se distinguem. Em cima, vê-se o marechal Goering conversando e animando os tripulantes dum «tanque» depois dum duro reconhecimento.





Três aspectos das modernas instalações da firma Azevedo & Pessi, L.^{da}, na rua Nova do Almada, 46, representante dos afamados produtos «Tungsram», lâmpadas de iluminação, T. S. F. e de automóvel, «Autark», os afamados «asogénios suíços», «Robinson», cortiças, parquetes e «lambris».



EMISSÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

Horas

11.45.....	{ 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.13 mc/s)
13.15.....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 24.92 m. (12.04 mc/s) 19.76 m. (15.18 mc/s)
22.00 (*).....	{ 31.75 m. (9.45 mc/s) 40.98 m. (7.32 mc/s) 41.75 m. (7.18 mc/s)

(*) Estas emissões ouvem-se também em ondas médias de 261.1 metros (1.149 kc/s) e ondas compridas de 1.500 metros (200 kc/s).



Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LÍNGUA PORTUGUESA
(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
8.15	WDJ	3.ª feira a Domingo	31.02 m (9.67 mc/s)
8.15	WRCA	Todos os dias	39.7 m (7.565 mc/s)
8.15	WNBI	Só 2.ª feira	25.23 m (11.89 mc/s)
9.30	WRCA	3.ª feira a Sábado	31.02 m (9.67 mc/s)
9.30	WNBI	Só 2.ª feira *	25.23 m (11.89 mc/s)
19.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)
20.30	WRCA	Todos os dias	19.8 m (15.15 mc/s)
20.45	WGEA	2.ª feira a Sábado	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WGEA	Todos os dias	19.56 m (15.33 mc/s)
22.30	WDO	Todos os dias	20.7 m (14.47 mc/s)

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

Figuras da Vida
MUNDIAL



MYRON TAYLOR — o homem mais discutido do momento internacional que veio à Europa, com a representação pessoal do presidente Roosevelt, em missão — qual missão? É a pergunta, cuja resposta, ninguém conseguiu arrancar-lhe. (Caricatura de Santana)

A fabricação de óleos lubrificantes em Portugal

O Sociedade de Lubrificantes Portugueses, L.^{da}, com sede na Avenida Almirante Reis, 17, 1.º D. e Fábrica em Vila Franca de Xira, começou a proceder à transformação de óleos orgânicos em lubrificantes, aproveitando os recursos nacionais.

Devido à natural escassez de lubrificantes no país e por tratar-se de interesses nacionais, resolvemos deslocar-nos a Vila Franca no intuito de procurar conhecer mais concretamente o assunto.

Ali verificámos, pormenorizadamente, as instalações provisórias e foi-nos explicado o processo e vantagem que oferecem os lubrificantes nacionais sobre os outros adoptados.

Assim, os lubrificantes fabricados pela Sociedade de Lubrificantes Portugueses, L.^{da}, possuem cinco

perfícies a lubrificar, assegurando assim a função a desempenhar pelo lubrificante.

d) Untuosidade. Estes óleos têm como a sua mais apreciada característica a untuosidade; esta qualidade que até há pouco não se tomava em conta, passou hoje pelos estudos especiais da lubrificação a ser a qualidade que mais valoriza um lubrificante. Por ela, o óleo adere às superfícies a lubrificar, garantindo que o funcionamento se verifique entre as moléculas internas dos lubrificantes, diminuindo muito notavelmente a temperatura de fricção.

e) Rendimento. Pelas qualidades que acima se indicam e outras que se torna desnecessário mencionar, são os lubrificantes de maior rendimento no mercado, pelo que o custo total de lubrificação com eles é menor que o de outros lubrificantes mais baratos, tendo chegado a casos em que esta economia ultrapassa os 40%, sobretudo naquelas condições mecânicas em que o mo-



qualidades essenciais que fazem dele o lubrificante ideal.

a) Pureza. São estes lubrificantes isentos de impurezas e nenhuma substância contém estranha à lubrificação, tais como: resina, enxofre, gomas, etc.

b) Viscosidade. São os lubrificantes que mais se aproximam do consumo ideal de viscosidade, isto é, que partindo de uma determinada quantidade, conservam a elevada temperatura maior viscosidade que outros óleos, embora a inicial fosse maior, facilitando com ela o bom arranque e o regime de trabalho no 1.º período da marcha e assegurando uma lubrificação perfeita durante todo o trabalho da máquina ou motor;

c) Tensão superficial possui-o no mais alto grau esta qualidade de bom lubrificante e com ela asseguram que qualquer que seja a pressão ou as condições de trabalho da máquina ou motor, a película de lubrificação mantém-se sem rotura que possa pôr em contacto as su-

perícies a lubrificar, assegurando assim a função a desempenhar pelo lubrificante.

tor tinha uma percentagem elevada de consumo.

Estes óleos são o resultado de muitos anos de estudos e experiências pelo que garantem ao consumidor a segurança e a certeza de possuírem um bom lubrificante.

Como acima foi dito todos os produtos usados na manipulação destes óleos são nacionais, incluindo a embalagem que é em barris de 200, 100, 50, 5 e 2 litros.

Vimos também o laboratório onde se procede ao exame minucioso das características necessárias às matérias-primas e se verificam as características dos óleos obtidos.

Deixámos Vila Franca com a convicção de que esta indústria vem preencher uma lacuna há muito sentida e satisfeitos por podermos dar aos nossos leitores esta boa nova e com a garantia de que, dentro de muito poucos meses uma nova e grandiosa fábrica estará concluída da qual poderão sair os quinze tipos de lubrificantes necessários à indústria, transportes terrestres e marítimos do país.

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drograrias
Preço avulso: 11\$00



NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas	Estações	m.	Kc/s
8,50 Noticiário	2 RO 4	m. 25.40	Kc/s 11.810
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
12,20 Comunicado Q. G. L.	2 RO 8	m. 16.84	Kc/s 17.820
	2 RO 17	m. 15.31	Kc/s 19.590
14,10 Noticiário	2 RO 7	m. 16.88	Kc/s 17.770
	2 RO 21	m. 19.92	Kc/s 15.060
22,40 Noticiário	2 RO 11	m. 41.55	Kc/s 7.220
	2 RO 22	m. 25.10	Kc/s 11.950
22,40 Noticiário	Ondas médias		
		m. 221,1	
		m. 263,2	
0,00 Noticiário	2 RO 6	m. 19.61	Kc/s 15.300
	2 RO 18	m. 30.76	Kc/s 9.766
	2 RO 19	m. 29.04	Kc/s 10.330

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

21,20 (Domingo)	m. 25.70	Kc/s 11.695
21,20 (Quarta-feira)	m. 30.52	Kc/s 9.830

MATERIAL ESCOLAR

Réguas, esquadros, ardosias
Estojo de desenho, etc., etc.

A venda nos estabelecimentos:

- Papelaria Carlos — Rua do Ouro, 36
- Victoria — Rua Augusta, 139
- Au Petit Peintre — Rua de S. Nicolau, 104
- A Flamenga — R. Nova do Almada, 79

Vida
MUNDIAL
e ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
— Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS:
Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á

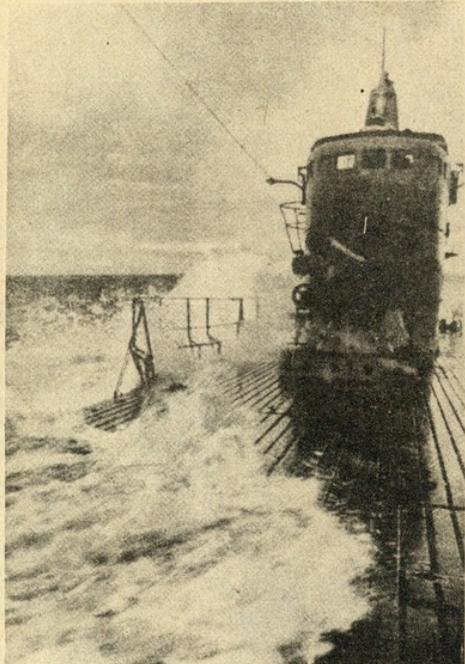
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

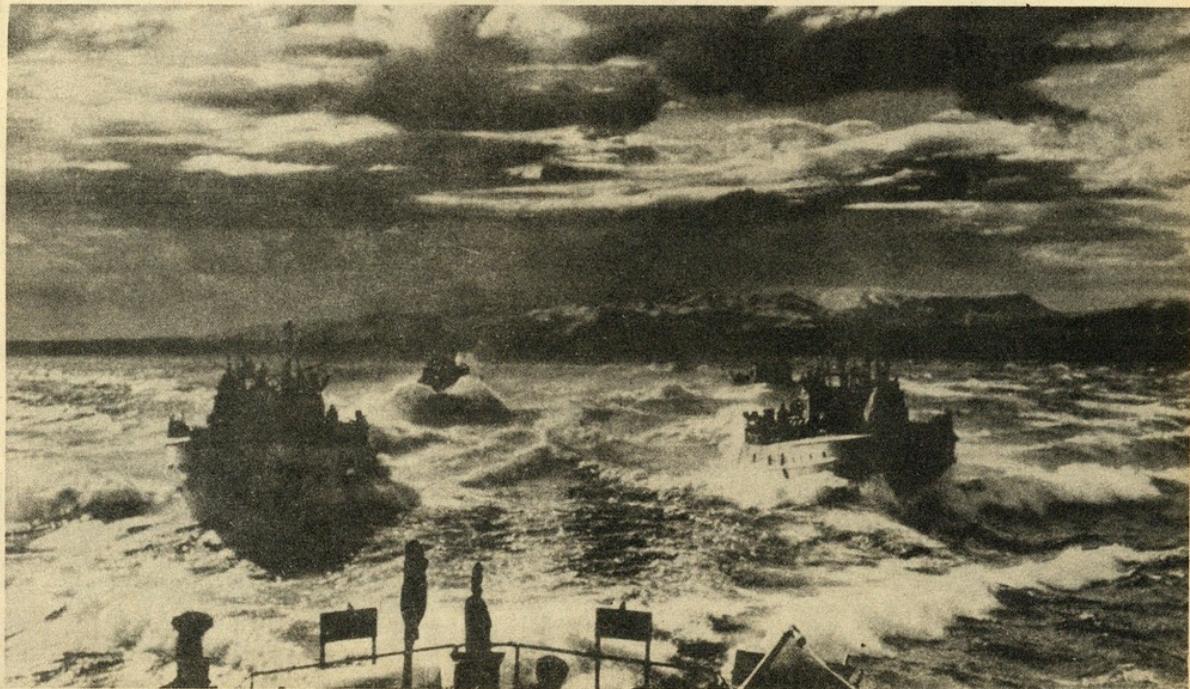
A ITALIA

*patrulha
os seus Mares!*



A Itália vigia as suas costas, com grande segurança. Dia e noite vedetas ligeiras da marinha percorrem as águas territoriais italianas, em busca de minas ou de submarinos inimigos. O caminho de Malta é vigiado atentamente. A ajudar os serviços marítimos lá está a aviação — a poderosa aviação de Mussolini. As gravuras que enchem esta página mostram bem quanto deve ser difícil essa missão, principalmente no inverno, com o mar revólto a varrer totalmente tão pequenas embarcações, escolhidas para dar aviso aos barcos de guerra e à artilharia postada através das margens.

Descobrir na imensidade oceânica os «combóios», parecendo, à primeira vista, obra fácil, não o deve ser. O mar é largo e o horizonte vasto. Mas os barcos de carga navegam hoje quasi rentes à água, para melhor poderem safar-se e melhor se enconderem. Descobri-los é a missão, a dura missão das vedetas, que vemos na gravura que abaixo se publica, e às quais os italianos chamam «motoscafi».





LÊR NAS PÁGINAS 4 E 5 DÊSTE NÚMERO:

A HISTORIA DA BANDEIRA AMERICANA